

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo

HISTÓRIA DA ARTE III

Parte 1

Curso de Artes Visuais
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

A disciplina de História da Arte III corresponde a mais uma etapa de abordagem sobre as manifestações artísticas que ocorreram desde os primeiros momentos da humanidade até os dias de hoje.

O caráter cronológico da disciplina é utilizado como fio condutor para delimitar a sua transformação.

O desenvolvimento desta disciplina é presencial e se baseia no método expositivo amparado por textos, projeção de imagens como recurso de apoio pedagógico.

O material produzido se constitui em Objetos de Aprendizagem e são publicados no Ambiente Virtual de Aprendizagem:
ARTE VISUAL ENSINO.

Acesse: www.artevisualensino.com.br

www.artevisualensino.com.br



ARTE VISUAL ENSINO AULAS ▾ TEXTOS PROJETOS ▾ PUBLICAÇÕES LINKS ▾ CONTATO VERSÃO ORIGINAL



Arte V

Ambiente Virtu

Este Ambiente Virtu
atividades didáticas
disciplinas que mini
Ao longo do tempo,
magistério quanto r
experiências que m
comunidade de edu
De 1976 a 2009 fui
Londrina, PR, onde
Universidade Feder
curso de Design na
2015 atuo no Curso

Arte e Pesquisa

História da Arte

História da Arte I

História da Arte II

História da Arte III

História da Arte IV

Ensino da Fotografia

Oficina

O Pensamento Fotográfico

Imagem e Pensamento

e apoio pedagógico para as
os estudantes e apoio para as

ei experiências tanto no
hinas aulas, são estas
m estudantes e também com a

ai na Universidade Estadual de
sor de História da Arte na
i professor de Fotografia no
em Florianópolis, SC. A partir de
de Federal de Mato Grosso do



EMENTA:

Estudo da teoria e da produção em artes visuais nos séculos XVIII e XIX, no mundo ocidental e oriental, em consonância com os aspectos técnicos, tecnológicos, políticos, sócio-econômicos e culturais.

Bibliografia Básica:

ARGAN, Giulio Carlo. Arte Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. GOMBRICH,

E.H. A História da Arte. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

JANSON, H. W. e Anthony F. JANSON. Introdução à História da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Bibliografia Complementar:

BAUMGART, Fritz. Breve História da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FABRIS, A.; ZIMMERNANN, S. Arte Moderna. São Paulo: Experimento, 2001.

KRAUS, R. Caminhos da Arte Moderna SP: Martins Fones, 1998.

Programa:

1. A influência da Academia nos séculos XVIII e XIX, e a hegemonia da Arte Francesa na arte ocidental.
2. O Rococó e o Neo-Clássico,
3. O Romantismo e o Realismo.
3. A Ruptura com a tradição e a inovação.
4. O Impressionismo, Neo e Pós-impressionismo.
6. A Modernidade e as raízes da contemporaneidade.

Apresentação

O Século XVIII foi o último século da *Idade Moderna* e o primeiro da *Idade Contemporânea*, segundo a categorização da história tradicional.

Foi um século marcado por grandes transformações intelectuais, econômicas e sociais. Revoluções, conquistas e expansões culturais.

O Iluminismo foi o principal marco intelectual deste século.

Os teóricos defensores do Iluminismo pregavam a liberdade religiosa, econômica e de expressão. Combatiam os regimes totalitários como as monarquias, a igreja, o mercantilismo e toda forma de opressão.

Chamado de século das luzes, amparados na razão, no saber e na liberdade de pensamento e expressão ampla, geral e irrestrita.

As ideias Iluministas influenciaram muitos países e foram determinantes para revoluções como a Industrial e a Francesa, tornando-as matrizes das demais transformações que ocorrerão no século XIX e XX.

Surgem vários pensadores que irão influenciar o modo de pensar da sociedade.

John Locke defensor do Liberalismo político; Charles-Louis de Secondat ou Montesquieu é o defensor do Estado laico e da cidadania; François-Marie Arouet ou Voltaire é o defensor da liberdade acima de tudo; Jean-Jacques Rousseau defende a democracia e Adam Smith o Liberalismo econômico.

Por tudo isto este século passou a ser conhecido como Século das Luzes, considerando que a filosofia que surge e se desenvolve é o Iluminismo que inspira, inclusive, a Revolução Francesa e a Independência dos Estados Unidos. Nestes mesmo século surge também a Revolução Industrial.

Entretanto, a principal revolução foi a intelectual baseada no surgimento do chamado Método Experimental ou Científico. No qual são utilizados os instrumentos como microscópios, telescópios. Desenvolvem as teorias como a matemática, a física, a química e a biologia, baseadas em métodos que partem da Observação, Problema, Hipótese, Experimentação e Generalização, gerando leis.

No contexto da Arte pode-se dizer que a hegemonia Clássica que a Itália havia conquistado até o Barroco se expande para novos horizontes, especialmente para a França onde surgem manifestações como o Rococó, o Neoclássico, o Romantismo, Realismo e, por fim, o Impressionismo e seus desdobramentos para a Modernidade.

Pode-se dizer que, no século XVIII e XIX, a Arte Visual atinge sua maturidade Clássica e busca impor sua hegemonia por meio das Academias de Arte e Escolas de Belas Artes. Esta é a herança que a Arte Clássica transmite para o Período Contemporâneo com a qual a Modernidade irá se confrontar.

Considerando o exposto, a disciplina tomará como base o percurso Clássico, cuja referencia são as Academias, o Academismo ou Academicismo, seu desenvolvimento e o confronto com o advento da Modernidade.

Em História da Arte II foram abordadas questões referentes ao surgimento das Academias no Renascimento na Itália e sua importância no desenvolvimento da Arte daquele período. Nesta disciplina, o foco recairá sobre o desdobramento do Ensino Acadêmico, sua influência no século XVIII e XIX e o confronto com a Modernidade.

Para recordar: as Academias foram fundadas no final do Renascimento.

A primeira delas foi criada em Florença, durante o Maneirismo, em 13 de janeiro de 1563 pelo duque Cosmo I de Médici, por incentivo de Giorgio Vasari, a Accademia e Compagnia dell'Arte del Disegno. Entre os fundadores estavam Michelangelo, Vasari, Bartolomeo Ammannati, Agnolo Bronzino e Francesco da Sangallo

A segunda foi criada em Roma, em 1577-93, a Accademia dei Pittori e Scultori di Roma, mais conhecida como Accademia di San Luca, patrocinada pelo papado e dirigida por Federico Zuccari.

A base pedagógica era o *Disegno*, termo mais abrangente do que Desenho e parecido com o que chamamos hoje de Design.

As Academias foram as primeiras instituições de Ensino de Arte.

A geometria, perspectiva, anatomia, matemática e história eram disciplinas obrigatórias. A base teórica era essencial além do virtuosismo exigido para as performances técnicas dos artistas. Havia também um fundo ético na concepção deste ensino no qual a Beleza era equiparada ao Bem e à Verdade. Os estudos eram centrados na Natureza e no ser humano dentro do que se considerava melhor e digno.

Cultivavam o respeito às lições dos clássicos antigos e dos Mestres consagrados e renomados em sua época que contribuíram tanto para a fundação das Academias quanto na orientação de seus projetos pedagógicos. Tais orientações definem o projeto Clássico Acadêmico que se torna um Método de Ensino consagrado até o século XIX.



A obra *Academia de desenho*, de Carlo Maratti, 1704-09, é uma alegoria do ensino acadêmico dedicada "aos jovens estudantes do desenho". O mestre mostra num quadro figuras geométricas e perspectiva, ao fundo se vê estatuária clássica servindo como modelo, alunos em torno copiam sob a proteção de divindades míticas. Isto é o que se pensa da Arte na Academia, no Academismo.

A inspiração provável desta obra é uma recorrência ao Alto Renascimento, período no qual viveu um dos maiores representantes da racionalidade gráfica e da perspectiva geométrica que foi Raphael Sanzio.



Academia de Atenas, Rafael, 1506-10

Tal habilidade e mestria
irá influenciar a Arte
desde então.

De um modo ou de outro
o ensino acadêmico
acaba por interferir nos
diferentes projetos
pedagógicos que são
criados a partir do
Renascimento.

Vale a pena um olhar atual
para a primeira Academia:



ACCADEMIA DI BELLE ARTI DI FIRENZE













Academia de Arte de Florença.



Academia de Arte de Florença.



Academia de Arte de Florença.



Giovanni Fattori, Atelier na Academia de Arte de Florença

***1. A influência da
Academia nos séculos
XVIII e XIX, e a hegemonia
da Arte Francesa na arte
ocidental.***

Tendo sido criadas no Alto Renascimento, as Academias de Florença e Roma influenciam o surgimento de outras na Itália.

Com a qualidade e aprimoramento técnico dos artistas oriundos destas academias, este projeto de ensino passa a ser difundido e reproduzido tanto na Itália quanto fora dela.

Em Bolonha, Gênova e Milão também foram fundadas Academias. No entanto, o percurso das Academias na Itália se manteve em conflito com as Guildas, já consagradas desde a Idade Média, sendo que algumas recorriam aos processos instaurados anteriormente pelas Guildas, num típico retrocesso.

Independente das disputas entre Academias e Guildas que acometeram as relações na Itália, a França consegue adaptar o método acadêmico aos seus interesses e consolidá-lo interna e externamente. Ainda no século XVI, Henrique III, sob orientação de Jean-Antoine de Baïf, fundou uma academia ligada à Coroa francesa no modelo Italiano.

em 1648 um grupo de artistas liderados por Charles Le Brun funda em Paris a Academia Real de Pintura e Escultura, patrocinada pela regente Ana de Áustria, em 1671 passa a ser controlada por Jean-Baptiste Colbert, mantendo Le Brun como diretor. Em 1666 a França cria uma filial, a Academia da França em Roma, tendo como primeiro diretor Charles Errard.



Charles Le Brun, O Massacre dos inocentes, 1664-66

A filial de Roma servia para hospedar os artistas franceses que queriam se especializar, aprimorar sua produção com base nas referências italianas.

A Academia Francesa só se organiza de fato com a aprovação dos estatutos, em 1655, que define a hierarquia entre anciãos e jovens, a estrutura curricular, a metodologia didática com aulas e conferências.

O estatuto instituiu também as exposições públicas periódicas da produção acadêmica, os Salões, realizados no Louvre, que se tornaram famosos pela difusão da Arte Francesa, pelas lições e polêmicas que proporcionou junto ao Sistema de Arte.

Várias academias foram fundadas no interior da França segundo os moldes e vinculação à Academia de Paris.

Em 1669, André Félibien, teórico e secretário da academia define a hierarquia dos Gêneros Artísticos que deve ser seguida pelas várias academias.

O maior deles é o Gênero Histórico incluindo também os Religiosos, Literários e Mitológicos, seguidos dos menores: Retrato, Paisagem, Natureza Morta e Cotidiano.

A Revolução Francesa abole o autoritarismo da monarquia e, conseqüentemente, os subsídios dados às Academias de Arte mantidos pelos reis.

Jacques-Louis David (1748 - 1825) propõe à Assembleia Nacional em 1790, um novo formato dos Salões mais afeitos às paisagens e retratos ao gosto da clientela burguesa.



Jacques-Louis David, Litores trazendo a Brutus os corpos de seus filhos, 1789.

Propõe também a criação de museus e sua integração em rede com a instrução pública e o patrimônio. A antiga academia é extinta em 1793 e pintor Jacques-Louis David assume a direção dos assuntos artísticos da nova república. Em 1795 é fundado o Instituto de França, responsável pela arte e cultura. No entanto as diretrizes acadêmicas permaneceram.

A Ecole National Supérieure des Beaux-Arts é fundada com este nome apenas em 1816, embora a tradição artística Clássica se mantivesse, Jean-Auguste Dominique Ingres é um de seus professores e mentores.

Em 1863, Napoleão III, reforma o projeto da Escola a partir das críticas recorrentes ao sistema hegemônico e fechado que a orientava.



Apotheose
de Homero,
Jean-
Auguste
Dominique
Ingres,
1826-27.

Em função das críticas em 1863 Napoleão III, para arrefecer os ânimos dos artistas frequentemente impedidos de participarem dos Salões oficiais realizados no Louvre, autoriza a mostra de 1.200 trabalhos de artistas que não participavam do Salão oficial no Louvre em 12 salas no Palácio da Indústria. Exposição que ficou conhecida como Salão dos Recusados.

Em 1864, 1873, 1875 e até 1886 foram realizadas outras exposições com o mesmo fim, ou seja, de dar espaço para artistas não participantes dos Salões oficiais.

Em 1884 o Salon des Indépendants, organizado pela Sociedade de Artistas Independentes, foi criado para que todos os artistas pudessem apresentar suas obras de forma livre, sem julgamento.



Guarda das obras para o salão anual do Louvre, França, 1863.

EXPOSITION

DE

ŒUVRES REFUSÉES

1873

AUX CHAMPS-ÉLYSÉES, DERRIÈRE LE PALAIS DE L'INDUSTRIE

CARTE D'ENTRÉE ET PERMANENTE

SIGNATURE DU TITULAIRE,

A. Noelle

LE DIRECTEUR,

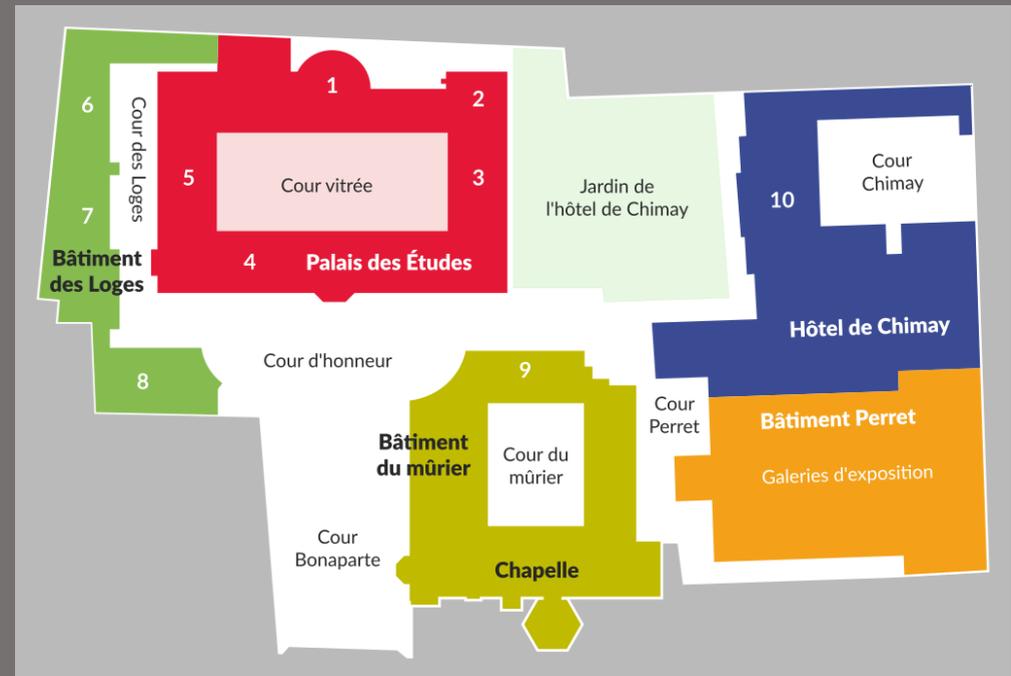
F. H. M. Duru

Il est expressément défendu de prêter cette Carte sous peine d'être retirée
et des poursuites de droit.

Embora em 1881 a reforma já tivesse rompido o monopólio do Salão convencional e transformado em Salão dos Artistas Franceses, de um modo ou de outro, tais mostras paralelas proporcionaram também o surgimento de mostras independentes e individuais. Já que o estado não apoiava iniciativas não oficiais, restava aos artistas assumirem, eles mesmos, suas mostras.

A partir do Salão dos Recusados, ou melhor, das exposições paralelas ou alternativas é que, em 1874, surge a ideia da mostra independente da *Sociedade Anônima de Pintores, Escultores, Ilustradores*, que acabou sendo conhecida como Primeira Exposição dos Impressionistas que irá traçar os rumos do Modernismo.

A Escola Nacional Superior de Belas Artes, conhecida como Beaux-Arts de Paris é criada em 1817, herdeira da antiga Real Academia de Pintura e Escultura fundada em 1648 e fechada em 1793 pela Revolução. Edifícios de vários períodos são ocupados por salas, bibliotecas, ateliers e oficinas que amparam o trabalho e a pesquisa dos estudantes e professores.



Planta baixa da escola.



Entrada da
Escola
Nacional
de Belas
Artes de
Paris.



A criação ou recriação da Escola Superior de Belas Artes de Paris é de 1816.



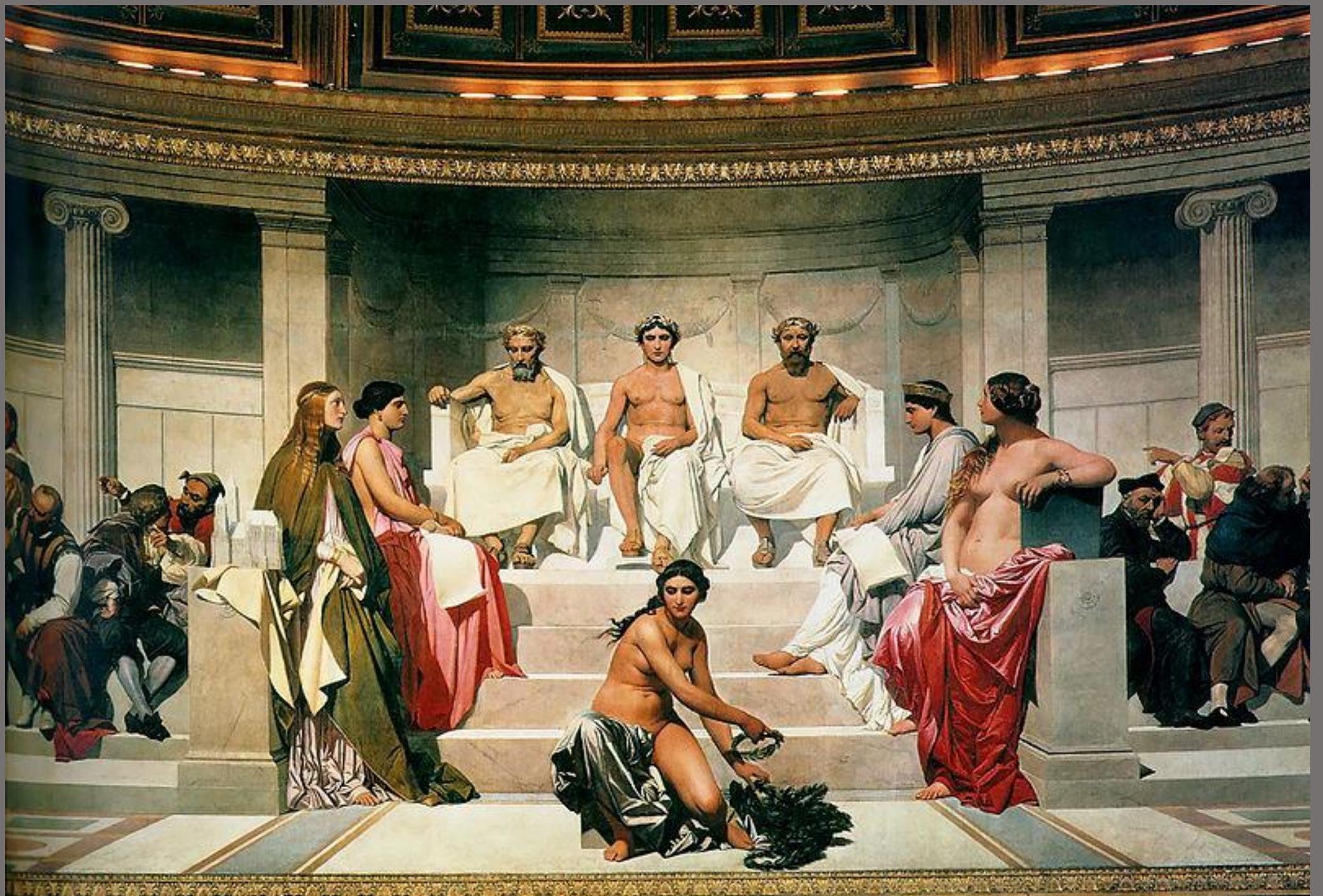






Paul Delaroche , *Hemicycle* das Belas Artes, 1841-42. Salão de conferências do Palácio de Belas Artes em Paris.





Paul Delaroche , *Hemiciclo das Belas Artes* (1841-1842, detalhe).



Foram centenas os professores que atuaram na escola, entretanto, desde o início, seu projeto pedagógico foi marcado pela tradição Clássica. Neste sentido é que a expansão do ensino neste alinhamento teórico acabou predominando em grande parte da Europa e do mundo colonizado por ela.



Escola de Belas-Artes de Paris, fins do século XIX.







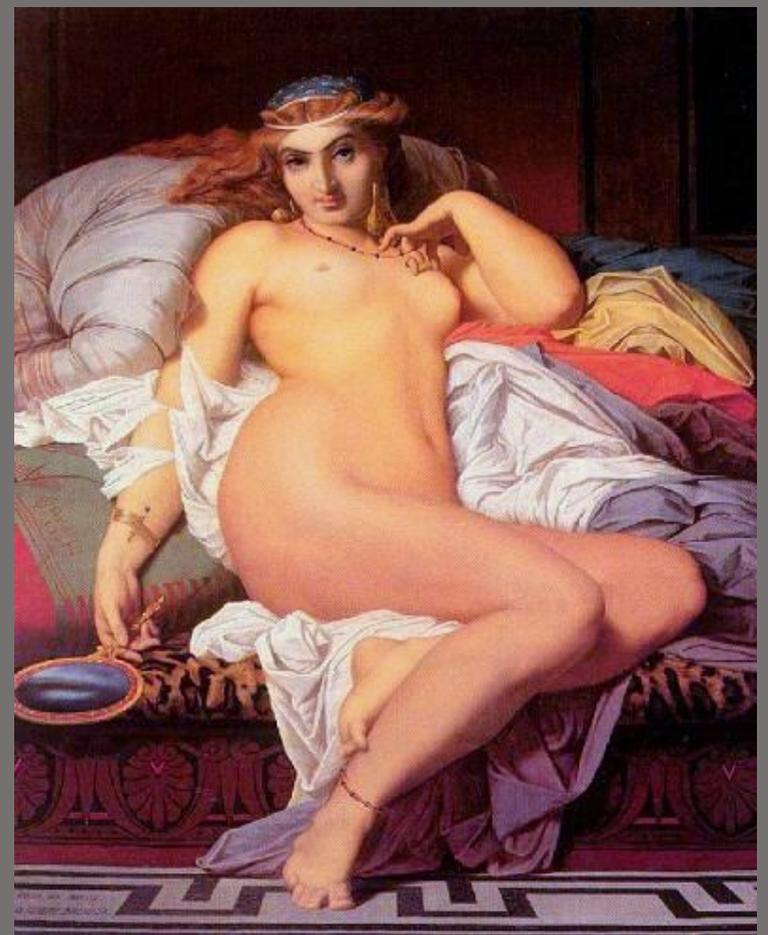
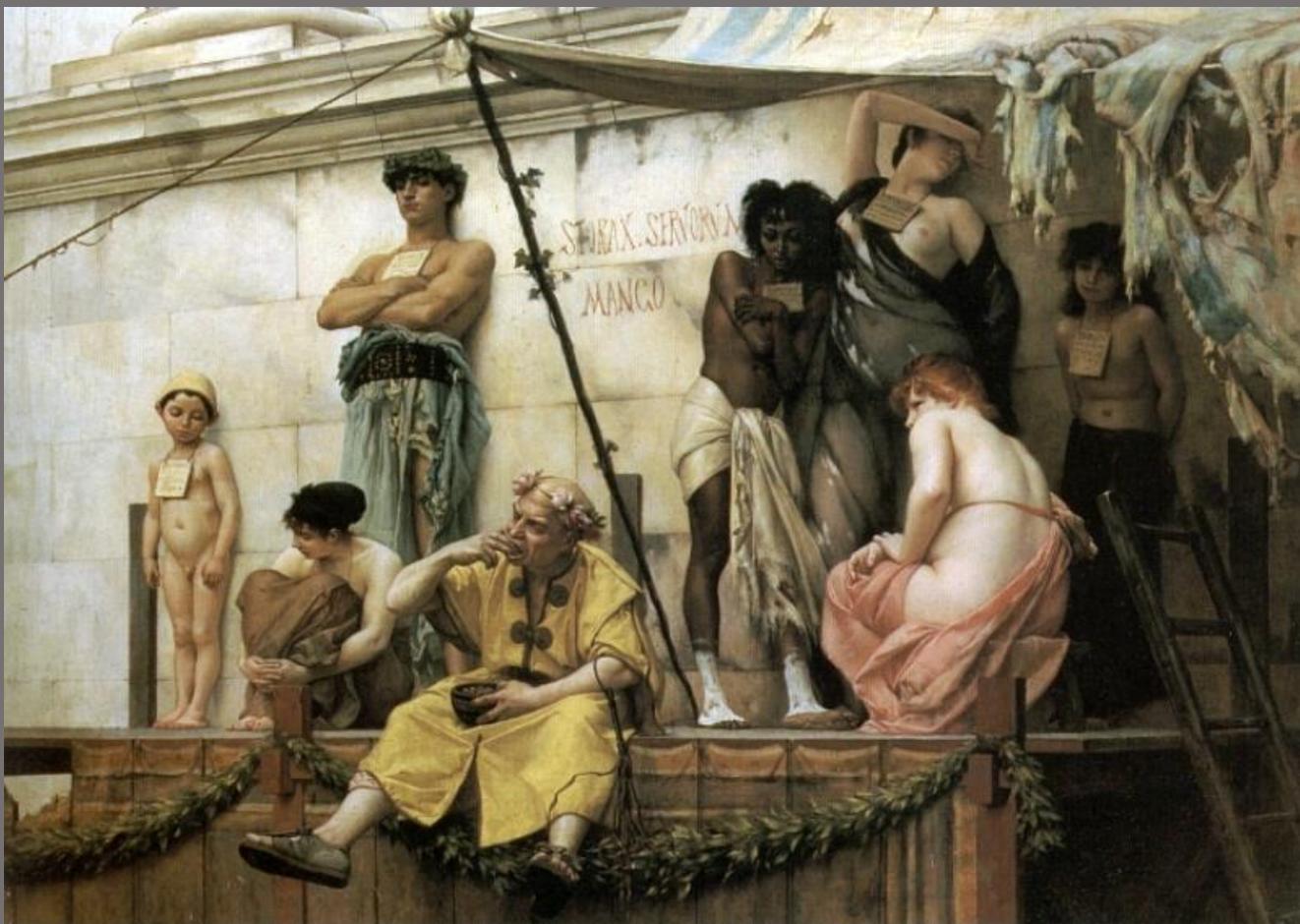




Bonne Fête avec Frère Paul
ECOLE NATIONALE DES BEAUX-ARTS — Architecture Atelier Paulm *Paul*



Felix Vallotton, Frauenakt, Atelier Julian, 1885.



Gustave Boulanger, 1850



Gustave Boulanger, 1861



SOCIÉTÉ POPULAIRE
DES
Beaux-Arts

13, Rue Grange-Batelière, 13

CONFÉRENCES ARTISTIQUES

AVEC

PROJECTIONS

Le 12 Février 1897, à 9 heures

AMPHITHEATRE DE LA VIEILLE SORBONNE

CONFÉRENCE

PAR

M. André MICHEL

CONSERVATEUR AU MUSÉE DU LOUVRE

LA SCULPTURE FRANÇAISE

Le Secrétaire général.

J. de SAINT-MRSMIN.

Le Président du Comité de Direction.

E. BENOIT-LEVY.

Le Président du Comité de Patronage.

LÉON BOURGEOIS, député.

Paris. — Imprimerie ALGAN-LÉVY, 14, rue Croix-des-Flesch.

Cartaz de Alphonse Mucha, 1897.

A expansão das Academias de Belas Artes para vários países decorre, em grande parte, de seu projeto pedagógico e de sua estrutura metodológica. Embora centrado numa estrutura hegemônica e, na maioria das vezes, fechada possibilitou que, mesmo em locais de cultura diferente, sua proposta se impunha.

Em 1768 foi fundada a Royal Academy na Inglaterra. Nos Estados Unidos a primeira escola neste modelo foi Academia de Belas Artes da Pensilvânia, fundada em 1805. Na Índia, por influência da Inglaterra, em 1798 foi fundada a primeira escola de arte em Pune. Na Alemanha é fundada a Academia de Dusseldorf em 1762 e a de Munique em 1808.



Hercules criança, Joshua Reynolds, 1786-88.



Charles
Willson
Peale.
Exumação
do primeiro
mastodonte
americano,
1806.



Ravi Varma: *Shantanu e Satyavati*, 1890. Tema local e tratamento ocidental.



Pieter Von
Cornelius,
José
encontra
seus irmãos,
1816.

Na América Latina a primeira Academia foi fundada no México é a *Academia de San Carlos*, de 1781.

No Brasil a Academia Imperial de Belas Artes é criada em 1816.

Tanto no Brasil quanto na América Latina como um todo, foram criadas várias Academias ou Escolas de Belas Artes sob a influência européia desde o século XIX.

Com o esgotamento deste projeto de ensino e a renovação proposta pela Modernidade, boa parte destas escolas passaram a atuar como Artes Plásticas e, posteriormente, como Artes Visuais. Outras incorporaram outras formações como a de Arquitetura e de Design.



Rafael Ximeno y Planes, El Milagro del Pocito, 1809.



Pedro Américo,
Primeira Missa no Brasil,
1861.

Isto posto, tem-se um panorama do percurso do ensino clássico de base acadêmica, instaurada no Renascimento, cuja influência percorreu, pelo menos, quatro séculos. Inicialmente o Aspirante era iniciado no desenho elementar e na cópia de obras didáticas de gravura ou desenho, reproduzindo composições de mestres consagrados e peças da Antiguidade clássica.

Em seguida, passavam a copiar esculturas e, mais tarde desenhavam a partir do modelo vivo. Quando já tivessem algum domínio do desenho eram admitidos como estudantes regulares sob a tutela de um Mestre. A seguir realizavam estudos aprofundados de anatomia, técnicas de cada modalidade artística, geometria, perspectiva e cultura geral, teoria da arte, religião, mitologia e história antiga.

Para a Academia, o grande artista seria aquele que, usando o conhecimento técnico, o aplicasse para a representação dos feitos nobres da humanidade de caráter moral, históricos e religiosos.

Os Discípulos trabalhavam sob orientação do Mestre e para o mestre que, caso admitisse a qualidade do trabalho, o autenticava assinando, caso contrário era descartado.

O estudante só se tornava autônomo quando o Mestre assim o decidisse.

Aos poucos este modelo vai se tornando obsoleto, fosse pela rigidez do método, as exigências extremas em torno da qualidade e performance requerida dos artistas, quer pela ruptura que, aos poucos, foi se instaurando junto aos artistas autônomos, dada a insatisfação pelo fechamento ou reserva de mercado imposta pelas academias.